

ENTRELAÇANDO IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES: fazeres históricos inscritos das memórias reveladas na oralidade de migrantes

Marilva Batista Cavalcante *

Resumo: O presente artigo constitui-se como possibilidade de pensar as experiências de deslocamento, trabalho, cotidiano e reorganização de migrantes paraibanos em Irecê, nas décadas de 1960 e 1970. Sugere compreender a multiplicidade de desejos, sociabilidades e percepções dos espaços imbricados nessa história. São histórias compostas pelo fio da memória de trabalhadores rurais e urbanos recompostas a partir da fonte oral. Para além de compreender tais questões, analisar as histórias de vida de alguns sujeitos desse deslocamento permite visualizar a multiplicidade de sentimentos e temporalidades entrecruzadas às lembranças desses migrantes. Reminiscências engendradas nas motivações, deslocamentos, trabalho nos espaços rurais e citadinos que desenham formas de perceber a cidade propulsora e receptora.

Palavras-chave: Memória, Oralidade, Migrantes

O estudo das questões migratórias analisadas na perspectiva de compreender as histórias dos sujeitos, suas identidades e representações, e não somente o caráter demográfico da migração, envolve uma série de sentidos e significados constitutivos aos sujeitos que migram e de sua reorganização em um novo espaço. Experiências, que ao serem problematizadas e entrelaçadas aos artificios da memória, podem, fomentar um fazer histórico comprometido em “dar” vez e voz a sujeitos comuns e os espaços com os quais interagem.

O estudo sobre a memória aliado a oralidade, embora em determinado momento tenha sido colocado em questão, o que gerou críticas que “costuraram” novas percepções do uso da memória e da oralidade enquanto ferramenta de estudo e possibilidade de desvendar o passado, consentiu ouvir múltiplos sujeitos e suas interpretações. Possibilitou treinar o olhar e o espírito na ânsia de ver além do que está posto em outras fontes históricas e fomentar novos saberes.

As memórias reveladas nesse artigo foram tecidas pelo uso da fonte oral enquanto possibilidade de descrever o cotidiano, de dar cor, cheiros e sabores às vivências protagonizadas nas nuances de um processo migratório intra-regional. Pois, “mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas

* Mestre em História Regional e Local UNEB

sociais de outras épocas e grupos”¹. Ademais, a memória oral deixou transpor informações, possibilitando uma dimensão substantiva desse processo migratório e de pormenores das experiências vivenciadas. O uso da oralidade e sua análise na pesquisa, seguiram o papel de significar falas, silêncios e gestos visualizados no transcorrer dos diálogos com os migrantes, acarretando, por sua vez, diferentes fazeres histórico.

No sentido de cumprir seu papel histórico as memórias aqui reveladas apresentaram célebres caminhos para se conhecer sociedades em tempos históricos distintos e dialogáveis, entre si, expressos na narrativa dos depoentes. Reminiscências que embora façam menção ao passado aparecem costuradas aos sentimentos, circunstâncias e condição do presente em que vivem. “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”².

Assim, memórias de migrantes paraibanos que vieram nas décadas de 1960 e 1970 habitar Irecê, cidade do sertão baiano que naquele contexto destacava-se pela supremacia da produção agrícola de muitos outros sertões nordestinos. Condição que ao ser pensada, sugere compreender uma dimensão desconhecida do passado e permitiu que nuances culturais fossem elucidadas. É essa dimensão motivacional que se apresenta no depoimento oral do Sr. Manoel Vitoriano de Oliveira, agricultor de poucas posses, vindo da cidade de Jericó em 1975, e hoje residente no Mocozeiro I, povoado pertencente a Irecê, ao justificar a consideração do porquê de migrar:

Nós viemos pra trabalhar na lavoura e no criatório. Nós trabalhava na lavoura e criava um criatório de gado lá na Paraíba e aqui também. Aí a gente foi se dedicando a lavoura e foi acabando o criatório. Hoje é só lavoura. Quem trouxe nós pra aqui foi sobre a região que produzia muito. Irecê era falado, Irecê era falado no Brasil todo como a região que mais produzia feijão no Brasil. Irecê produzia muito. Em Irecê você produzia uma tarefa de terra e colhia 18 à 20 sacas de feijão. Se tirava 30, 40 arroba de algodão numa tarefa de terra. Hoje é que acabou.³

A projeção de Irecê como zona agrícola, aparece no registro oral como elemento propulsor da migração somado à produtividade alcançada nas 18 ou 20 sacas de feijão produzidas em uma tarefa de terra. Dados que supostamente contrapõem à produção obtida nos terrenos fracos e pedregosos da Paraíba, onde anteriormente o Sr. Manoel trabalhava. Era uma peculiaridade que na perspectiva do geógrafo Aluizio Duarte do CNG, Comissão Nacional de Geografia, tornava Irecê “uma área agrícola “insulada” no sertão baiano”⁴.

Se observarmos os tempos históricos apontados na memória do Sr. Manoel perceberemos a descrição de um tempo de fartura que já se foi, cedendo lugar a um contexto de crise agrícola. Esse

período de crise agrícola em Irecê teve início a partir de meados dos anos 1980 e início da década de 1990, demarcado por graves secas, desgaste do solo compactado por desenfreada mecanização, dentre outros fatores.

Uma realidade presente, ainda hoje, nas áreas agrícolas da cidade que tanto tem servido a debates por parte de vários segmentos sociais e políticos locais, na tentativa de solucionar as precárias condições de vida do pequeno agricultor familiar.

Estudar o “mundo de migrantes paraibanos em Irecê” apresentou a possibilidade de conhecer as histórias locais, que, por não estarem em sua grande maioria escritas, e não serem alvos de debates citadinos tende, a se perder nos labirintos da memória não revisitada. Memória que dentre tantos fatos revelados ocasionou questionamentos e narrativas sobre identidades e representações constitutivas ao processo de adaptação e recriação de espaços pelos migrantes em sociabilidades.

As histórias tecidas emergem das memórias de trabalhadores rurais em variadas condições sócio-econômicas ou de pequenos comerciantes interessados em vivenciar as “novidades” da cidade em que chegaram. São lembranças de homens e mulheres que ao abrir suas portas, almas, marcas e saudades matizadas na oralidade permitiram que histórias do passado se revelem, uma vez que “a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso à ‘história dentro da História’ e dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”⁵.

As reminiscências ditam uma migração de paraibanos para a cidade de Irecê-BA, que se projetava como “Capital do Feijão”, tentando desviar-se das secas que eram mais constantes na Paraíba como pode ser verificado na fala da migrante D. Francisca Félix de Sousa, migrante de Riacho Verde, povoado do perímetro rural, à três léguas da cidade de São Francisco de Aguiar-PB ao afirmar, “meu marido tinha uma roça, uma roça boa, mas as chuvas eram pouca, não dava quase nada”⁶.

Para além das motivações que desencadearam o deslocamento em questão que indicam desde a necessidade de prosperar na atividade agrícola ou comercial em um espaço considerado potencialmente mais produtivo ou que recebia maiores investimentos financeiros para tal projeção, as experiências sublimadas, fruto desse deslocamento, se materializaram em relações de apropriação do espaço e reorganização dos sujeitos em um e seu novo espaço. Experiências que colaboraram para que os “novos sujeitos da cidade” formulassem outras percepções de si e dos espaços em questão: A Paraíba e Irecê. Percepções apresentadas ou escondidas por trás das memórias como nos diz Michael Pollak ao pontua que:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto

individual como coletiva, na medida em que ela é, também, um fator extremamente importante no sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução do si.⁷

Na construção da narrativa as lembranças reveladas pelos migrantes consultados, apresentem os diversos locais da Paraíba de onde deslocaram-se os “novos moradores da cidade” de formas distintas.

Quando falam de seus antigos espaços de vivências, as memórias dos migrantes apresentadas estão, em sua grande maioria, voltadas para as lembranças de um sertão seco. São recordações referentes a uma área propulsora do deslocamento de muitos paraibanos para Irecê, nas décadas de 1960 e 1970.

Reminiscências costuradas nas experiências de trabalhadores pobres, que desde a infância foram criados no trabalho familiar em seus locais de origem, nas lavouras de feijão, milho e algodão, em múltiplas condições. Condições de trabalho que podiam variar do trabalho diário, marcado por baixos salários “o que se ganhava em um dia de trabalho na Paraíba era muito pouco. Aqui se ganhava quase, que vamo dizer, o triplo”⁸ ao trabalho autônomo e familiar, passando pelo trabalho de meia em propriedade de particulares, como me contou o Sr. Antônio Francisco de Sousa em conversa informal realizada em 13 de Março de 2010. Esse fator visto na perspectiva de que, quanto melhor a remuneração “mais pão” poder-se-ia ter à mesa, resplandece enquanto fator motivador que também impulsionou a migração.

Essa percepção, muitas vezes amargas é reiterada com depoimento do o Sr. José Alexandre Nunes de 63 anos, migrante em 1979, da cidade de Serra Grande, acentua que ao chegar já se desvinculara do trabalho na roça, passando a desenvolver um pequeno comércio, expressa ao mencionar sobre a Paraíba: “lá o trabalho era na roça e não era uma roça plana, eram morros, o trabalho era feito todo na mão, não tinha maquinário, não tinha nada [...] a única forma de se ganhar dinheiro era trabalhano pesado”⁹.

Ao analisar as memórias como elementos reveladores de identidades e representações não se podem perder de vista a diversidade de interpretações, pois ao tempo que a lembrança da Paraíba emerge enquanto “marcas” não tão prazerosas de serem sentidas. Em outros momentos ou depoimentos a lembrança da Paraíba é traduzida como espaço de saudade.

Os depoimentos colhidos, embora faça menção a tempo, espaço e condição que poderiam “fazer correr lágrimas dos olhos” a muitos que se permitissem “viajar” por entre as memórias, insurge acompanhado do sentimento de desolação, um anseio de saudades. Saudades do tempo de mocidade e dos momentos de diversão, após o trabalho semanal árduo na agricultura ou comércio

na Paraíba, como podemos perceber nas palavras do senhor Sr. Francisco Bezerra:

Agente sente saudade daquele tempo de adolescente, de quando agente trabalhava seis dias, de segunda a sábado. Aí, ia pra umas cachoeiras, pra brincar, às vezes agente sente assim, a saudade. Às vezes eu to deitado e tô lembrano até das pedrinhas em que agente sentava pra conversar com os amigos. Saudade agente sente, né, porque é filho de lá? Saudade agente sente, mas não pra morar.¹⁰

O “tempo da roça”¹¹ e da mocidade é rememorado com tamanha vivacidade que esse senhor diz conseguir, ao fechar os olhos, visualizar e sentir as pedrinhas onde se sentava, juntamente com os camaradas, nos locais de lazer que freqüentavam. Há em sua fala, uma entonação de saudade do local, dos amigos e das conversas, embora os sentimentos expressos nessa memória permitam um diálogo ambíguo. É a nostalgia de laços sociais, momentos de lazer, alegria e peculiaridades naturais do espaço da Paraíba. Recordações que entrecruzadas com dissabores concebem as identidades transitórias do migrante e dos espaços.

É na trilha de descrever a Paraíba enquanto lugar de saudade que a oratória do Sr. José Leite Guimarães, que migrou em 1970 de Livramento, cidade próxima a Taperoá, antigo comerciante em Irecê, e hoje, com sessenta anos de idade, também se coloca. Um depoimento que reflete uma “memória do longe”. Reminiscências de tempos pretéritos que na tentativa de reavivá-la, seu Zé da Pipoca, como é comumente conhecido em Irecê, faz uma breve pausa, passa os dedos por entre os seus “cabelos prateados” e permite que a desilusão com a Paraíba ceda lugar à saudade. Saudade esta revisitada pelo olhar que ele lança sobre a Paraíba, quando retorna a esta cidade para visitar amigos e parentes que por lá ficaram. São sentimentos do tempo presente possíveis de serem visualizados quando este me conta:

Eu vou todo ano rever a família, eu tenho ainda muita gente por lá, toda a família. Parei uns anos [...] mas tem ano que eu vou duas vezes no ano. Eu não tinha muita saudade da Paraíba, mas a Paraíba hoje tá melhor do que naquela época. Era muito ruim de se viver na Paraíba. Eu, hoje, quando vou lá os parentes ficam falando pra eu voltar que eu sei “mexer” com tudo, mas o lugar que eu achei pra ganhar dinheiro foi aqui. Mas se não fosse os filhos que tão aqui, eu era capaz de ir pra lá.¹²

O relato oral parece sugerir um caminho na contramão daquele que tem sido registrado aqui. Uma migração de retorno, alternativa diante da consideração da Paraíba hoje como uma região diferente e sedutora para aqueles que já cumpriram suas obrigações dos “tempos de trabalho”, alicerçaram suas vidas, e agora desejam se achegar ao aconchego familiar. No entanto, essa

possibilidade de migração de retorno logo é esquecida pelo seu Zé da Pipoca quando este infere: “fiz minha vida toda por aqui. Minha família tá aqui”¹³. Justificativa para “prendê-lo” à cidade receptora.

Havia ainda, percepções dos espaços que traziam outros significados como nos apresenta Marúzia de Sousa Leite e Silva, filha do também migrante Amaro Leite, ambos da cidade de São José de Piranhas, migrou para Irecê em 1970. Como um mosaico, a memória de Marúzia aponta um cenário de trabalho, necessidade, sentimentos de estranheza, solidão e uma cultura matizada pelo machismo, sendo a mãe obrigada a costurar, às escondidas, para ajudar no sustento da casa:

Pra ele (o pai) mulher não trabalha, porque a casa que a mulher trabalha é porque o homem de casa não tem condição de sustentar a família. Aí, quando ele viajava, ela costurava pra fora, pra ajudar nas despesas da casa, mas quando ele chegava, ela tinha que esconder a máquina. Ela (a máquina) deveria servir somente para remendo das coisas de dentro de casa.¹⁴

O trecho representa o “retrato” de uma cultura que para o chefe da casa, a mulher não deveria trabalhar, pois essa prática era entendida como a incapacidade do homem de garantir o sustento da família o que por sua vez, gerava falatórios e mexericos. À mulher cabiam as tarefas domésticas, como coser, cozinhar, lavar, passar e cuidar das crianças e do marido. Práticas que referendavam o papel de boa esposa e boa mãe. Representações que restringem a atuação feminina ao âmbito privado.

A dicotomia historicamente construída entre o feminino e o masculino atribuiu ao homem e à mulher locais de atuação e práticas cristalizadas para ambos os gêneros: cabia ao homem o domínio da esfera pública e o controle dos postos de poder, e ao sexo feminino as tarefas do domínio privado. Marina Maluf pontua essa questão como geradora de uma “significação conferida quanto à própria reconstituição do passado feito pela rememoração de homens e mulheres, uma vez que, as sociedades se empenham em providenciar, para ambos, lugares e identidades estruturalmente distintas e desiguais”¹⁵. Construções onde ainda imperaram em detrimento a classe social, condição sócio-econômica ou cultura regional e local. Exposições que precisam ser repensadas ainda hoje, e são responsáveis, pelos elevados índices de agressão e desconsideração do feminino no seio social.

No que tange a transitoriedade de considerações sobre o espaço, Certeau nos auxilia pensar o espaço enquanto lugar praticado, em que os sujeitos atribuem a partir de suas experiências, novas práticas e novos significados aos lugares¹⁶. Espaços que para alguns migrantes tomam conotações variadas de acordo com as experiências e memórias vivenciadas por estes na Paraíba.

Essa busca das dissonâncias, dos choques e da compreensão diversa dos sentidos e significados que as vivências e espaços tomam para diferentes indivíduos, permite uma concepção menos homogeneizante das histórias dos sujeitos e dos espaços. São estas histórias dissonantes que a memória nos permite vislumbrar, pois:

É o sujeito que lembra. Cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias: embora estas sejam sempre sociais, um determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma única pessoa. Somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações e sentimentos e de conferir-lhes significados¹⁷.

As dissonâncias, deixadas vaziar nos depoimentos, permitem compreender que as memórias expressas socialmente e, portanto coletivamente, podem ser “lidas” de múltiplas maneiras já que “não há mensagem irreversível, informação que não seja ambígua, porque não há uma única interpretação de qualquer objeto. O que existe são perspectivas de realidade, e nenhuma delas esgota completamente uma análise”¹⁸.

Deste modo, quando fala da vida na Paraíba, cada indivíduo atribui uma multiplicidade de sentidos e significados tecidos no conjunto de afetos, experiências presas às modalidades do vivido e singularidades próprias de quem narra o espaço. Pois, tal qual aponta Maurice Halbwachs:

Cada aspecto, cada detalhe do lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondeu a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nele havia de mais estável.¹⁹

Assim, tais narrativas seguem rememorando os sentimentos que os migrantes possuem da Paraíba, do processo que ousaram vivenciar e transformações operadas em suas vidas ao se adequarem a um novo espaço. Professam histórias que desvendam “a impossibilidade de se chegar a uma definição simples e universal de cidade”²⁰ e delineiam a migração do sertão paraibano para Irecê, em um contexto de construção da Capital do Feijão.

Se as reminiscências traçadas pelos migrantes dão conta de significar e resignificar os espaços que transitam em suas histórias Paraíba /Bahia; escassez/ saudade, essas também cumprem o papel de afirmar percepções dos sujeitos desses enredos revelando identidades e representações de si e do outro.

É essa outra face histórica que a memória e a fonte oral utilizada na pesquisa e nesse artigo

tem, também, por objetivo contemplar. É importante pensar que os símbolos, práticas, valores e posturas são historicamente construídos e a depender da forma como são introjetados, em uma determinada cultura, consolidam identidades e/ou representações. Desse modo, transitar no contexto e conceito das identidades e representações formuladas sugere pensar que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.²¹

Essa percepção reafirma a identidade cultural como elemento plural e contraditório a concepções análogas, que tendem a reforçar preconceitos desconsiderando a natureza singular dos sujeitos. Nesse jogo de identidades e representações há que se descortinar que “significados suplementares sobre os quais não temos controle, surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e instáveis”.²² Compreender que as identidades são construídas e assimiladas de forma híbrida pelos sujeitos que fazem, falam e relacionam-se socialmente em contextos diversos.

Os protagonistas desse deslocamento desde a chegada se deparavam com constante homogeneização. Era comum desconsiderar as distinções naturais do local de onde provinham estes migrantes e ignorar que, embora pertencentes a um espaço comum – o sertão paraibano – as especificidades locais apontavam uma multiplicidade de vivências que atribui a cada sujeito um enredo singular. Era o “povo do norte”²³. Todos considerados nortistas, sendo essa homogeneização algo reafirmado perante outros migrantes da cidade, provenientes de estados como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte.

As vivências desses sujeitos estavam constantemente imbricadas no mundo do trabalho. A roça era o ambiente inicial de moradia e atividade por representar o palco das aspirações de muitos paraibanos que chegavam interessados em atuar nas lavouras de feijão. Isso conferia ao migrante e seu percurso de ascensão quer na agricultura ou comércio, atividade de, também, forte presença de migrantes, um perfil de trabalhador e de sujeito da cidade. Fato declarado já que o migrante paraibano vivenciou e atuou ativamente na transformação pela qual passou a cidade ao longo do tempo. Episódio visível em um olhar sobre os empreendimentos rurais ou comerciais da cidade.

Na fala de alguns migrantes, a construção de suas “identidades cambiáveis” e as representações de si, são frutos das relações que perpassavam desde os espaços e práticas da lida no campo, aos espaços urbanos como becos, escolas, feiras e locais de lazer estabelecidos na urbe. Laços sociais que variavam da desconfiança e desafetos sobre os forasteiros (como também eram

chamados os migrantes), e que por sua vez desembocou em representações matizadas em preconceitos ou pouca consideração dos migrantes enquanto sujeitos da cidade aos vínculos de amizade e solidariedade.

Cabe aqui pontuar que identidade assume aqui a descrição que o sujeito faz de si, caráter no qual este se reconhece, se aceita e que, por sua vez, está constantemente se modificando a partir das relações e circunstâncias sociais. Diferentemente, representação diz respeito à forma como os sujeitos são vistos por outros em um determinado espaço e contexto social. Modos que, muitas vezes, estão carregados de conceitos formulados intencionalmente e por vezes, enviesados. Para Pierre Bourdieu estas representações podem tomar a forma de estratégias discursivas que, atribuindo aos sujeitos classificações, traduzem relações de poder em que o autor das verdades postas é, em muitos casos, sempre esse outro que:

Ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, a vista de todos em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas “naturais”.²⁴

Por entre identidades e representações constitutivas ao processo de sociabilidade encontram-se imbricados os papéis de trabalhador/forasteiro há relatos que denunciam preconceitos, rejeição e desconfiança para com o migrante como o relato deixa antever:

*Quando eu cheguei aqui às vezes, trabalhava uma semana toda junto com outra pessoa, tomando café junto, trabalhando junto, jantava junto ia pra casa junto. Aí um dia encontrava ele na feira e não dava um bom dia, eu estranhava isso. Naquela época aqui era sufoco quando agente chegava, você não tinha conhecido, você não tinha crédito. Quando você chega numa terra estranha ninguém confia em você, num é? Você passa a ser um desconhecido, procurando ser e viver no meio dos outros, isso é penoso, mas graças a Deus eu tô aqui e tô satisfeito.*²⁵

O depoimento expresso pelo migrante, ao passo que descreve as dificuldades iniciais de reorganização ao cotidiano da cidade, aflora identidades e angústias de sujeitos que se percebiam estranhos ao cenário de sua nova morada. Expressa identidades e lutas desses migrantes em ser reconhecidos por sua credibilidade, capacidade de produzir, conviver e recriar o cotidiano em um espaço que os percebia com olhar de desconfiança. Representações construídas sobre o forasteiro,

do migrante.

Ao passar do tempo, as ações cotidianas de sobrevivência e adaptação pontuadas nas memórias dos migrantes surgem identidades e representações plurais. Assim, a identidade do migrante deslocou-se para sentimentos de pertencimento e camaradagem bem como, alteraram a representação do migrante de forasteiro para sujeito da cidade e cidadão ireceense. Consideração visível na memória descrita por muitos migrantes, muito embora isso não significa considerar inexistentes as marcas de julgamentos e desavenças constitutivas à presença do migrante na “Capital do Feijão”: “Tenho muito amigo aqui que brinca com agente e diz: é, você já tem 40 anos que mora aqui, já é baiano. E eu digo sou mesmo”.²⁶ “Eu me adaptei bem aqui”²⁷. Afirma outra migrante.

Assim por entre memórias, identidades e representações dos espaços e sujeitos, insurge motivações que conduziram esse deslocamento. Exposições de elementos culturais e espaciais ora distintos ora semelhantes e a percepção que para além de idéias cristalizadas a cerca dos atores dessa história quais protagonizam suas vivências, insurgem como um mosaico de relações sociais inscritas no cotidiano de aproximação e distanciamento que formam diferentes fazeres históricos.

Notas e Referência Bibliográfica

¹ AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação e história oral*. In: História n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p.133.

² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 47.

³ Depoimento da Sr. Manoel Figueiredo em 17 de outubro de 2009.

⁴ DUARTE, A. C. Irecê: uma área agrícola ‘insulada’ no Sertão Baiano. *Revista Brasileira de Geografia*, Out./Dez. 1963, p.41.

⁵ ALBERTI, Verena. *Tratamento das entrevistas de História Oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005, p. 42.

⁶ Depoimento da D. Francisca Felix de Sousa Lacerda em 21 de novembro de 2009.

⁷ Pollak. Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n,10, 1992, p. 200-215.

⁸ Depoimento do Sr. Antônio Francisco de Sousa em 13 de Março de 2010.

⁹ Depoimento do Sr. José Alexandre Nunes em 12 de março de 2010.

¹⁰ Depoimento do Sr. Francisco Bezerra em 13 de março de 2010

¹¹ SANTANA, Charles D’ Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações- Bahia: 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998 p, 36.

¹² Depoimento do Sr. José Leite Guimarães em 21 de abril de 2010.

¹³ Ibedem.

¹⁴ Depoimento de D. Marúzia Maria de Sousa Leite e Silva em 26 de janeiro de 2010

¹⁵ MALUF, Marina. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 84. Apuld. Heleieth I. B. Saffiiti, “Rearticulando gênero e classe”. In: *Uma questão de gênero*. Orgs. Albertina de oliveira Costa e Cristina Brudchini.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p.202.

¹⁷ AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação e história oral*. In: História n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p.131.

¹⁸ MALUF, Marina. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 28.

-
- ¹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 160.
- ²⁰ DURHAN, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 2ª Ed., São Paulo. Perspectiva, 1978, p.26.
- ²¹ Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.13.
- ²² Ibidem,p.41.
- ²³ Depoimento de D. Francisca Felix de Sousa Lacerda em 21 de novembro de 2009.
- ²⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, 13 Ed, Rido de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010, p 114.
- ²⁵ Depoimento do Sr. Manoel Vitoriano de Oliveira em 13 de março de 2010.
- ²⁶ Depoimento Sr. Francisco Bezerra de Araújo em 13 de março de 2010.
- ²⁷ Depoimento da D. Maria Galdino de Sousa Filha em 21 de outubro de 2009.